Anno III — Outubro-Novembro 1933 — Numero 10

REVISTA DE EDUCAÇÃO DA Sociedade Amazonense de Professores

DIRECTOR - L. BAUMANN

SUMMARIO

1 – Pelo docente de lingua patria – *Placido Serrano.*

2 – Novos socios da S. A. P.

3 – O ensino publico em Minas Geraes – *Merolino Corrêa.*

4 – O Mutirum – *Bianor Frazão Braga.*

5 – Notas sobre a creação da Escola Normal de Manáos – *Polybio Serra.*

6 – Pelos bons livros – *Tocandira Balbi Carreira.*

7 – Palestra – *Cleonice Oliveira.*

8 – A Revista e os Circulos de Paes e Professores.

9 – Esparsas.

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 68
MANAUS
AMAZONAS – BRASIL

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Assignatura annual. 5$000
Porte annual $500
Numero avulso . . . 1$000
Numero atrazado. . 1$500

BIBLIOTECA PUBLICA

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

REVISTA DE EDUCAÇÃO

FUNDADA SOB O PATRONATO INTELLECTUAL DOS PROFESSORES:

DRS. PLACIDO SERRANO, ALVARO MAIA, AGNELLO BITTENCOURT, VIVALDO LIMA, ANTONIO TELLES DE SOUZA, JULIO UCHÔA, JOSÉ CHEVALIER E PROFESSORAS MERCEDES DANTAS, EUNICE SERRANO TELLES DE SOUZA, RAYMUNDA CHEVALIER, HERMINIA CARNEIRO DE LIMA E ALCINA LIMAVERDE BARROS.

CORPO DE COLLABORADORES EFFECTIVOS:

Prof. Agnello Bittencourt
" Antonio Monteiro de Souza
" Aristides Calmont de Andrade
Prof.ra Alcina Limaverde Barros
Dr. André Vidal de Araujo
Dr. Antonio Carlos de Mello Barreto
Prof. Arthur Cezar Ferreira Reis
Prof.ra Eunice Serrano Telles de Souza
Prof. Felix Valois Coêlho
" Julio Benevides Uchôa
" Lazaro Baumann das Neves
Bach.do Leoncio de Salignac e Souza
Prof.ra Mercedes Dantas
Dr. Manoel Anisio Jobim
Prof. Placido Serrano
" Vivaldo Palma Lima

As assignaturas da *Revista de Educação* devem ser pagas adeantadamente!

Será suspensa toda remessa aos assignantes que assim não procederem.

ANNO III

REVISTA DE EDUCAÇÃO

NUMERO 10

DA

SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

REDACÇÃO
Rua Luiz Antony, 68
MANAUS

MANAUS — Outubro e Novembro de 1933

DIRECTOR: — *L. Baumann.*

Assignatura annual . . 5$000
Porte annual. $500
Numero avulso . . . . 1$000
Numero atrazado . . . 1$500

Pelo docente de lingua patria

PLACIDO SERRANO.

O director desta REVISTA DE EDUCAÇÃO, professor Lazaro Baumann das Neves, insistiu comigo para que eu désse forma publicavel ao que li na reunião da Sociedade Amazonense de Professores, effectuada a 24 de outubro findo.

Accedi para corresponder á gentileza desse meu collega, que tão estudioso continúa a mostrar-se, e aqui vae a minha chamada «palestra» de então, accrescida dos trechos insulados e das tiras de trechos, cuja leitura omitti, para não enfastiar por muito tempo a escolhida assistencia.

Aos leitores desta REVISTA DE EDUCAÇÃO claro é que fica *ipso facto* assegúrado o mesmo direito de não concluirem, nem mesmo iniciarem a leitura das presentes paginas.

Velho professor no Amazonas (quarenta annos e meio de magisterio, durante os quaes — apenas sete meses de licença em 1901), ainda não perdi a noção do cumprimento do meu dever e com a maxima pontualidade continúo a dar minha hora inteira de aula. Não me desviaram desse cumprimento do dever as desillusões, que o magisterio me tem trazido, razão por que abri minha palestra, fazendo minhas em talvez heretica antithese a phrase inicial, varias vezes repetida, do famoso sermão da montanha:

«Malaventurados aquelles que seguem a profissão do magisterio!

Malaventurados, sobre tudo, os que leccionam a lingua patria: sobre as suas costas são atiradas as falhas da linguagem que ao professor de lingua estrangeira ou ao professor de sciencia se deparem no falar ou escrever dos discipulos.»

Nessa inculpação facilima, não occorre a um, nem occorre ao outro, que ao docente da lingua vernacula podem deparar-se falhas da lingua estrangeira ou da sciencia, quando aquelle mette a mão em qualquer dessas searas alheias, o que no ensino actual ha que fazer não raras vezes.

Ainda não ha muito, um pobre docente de lingua patria pediu aos discipulos lhe explicassem as formas do presente do subjuntivo do verbo *caber*, e a maioria deixou escripto que provieram do latim *capeam*, *capeas*, *capeat*, *capeamos*, *capeastis*, *capearunt!* Além de que, em todas essas formas verbaes escreveu *e* em logar de *i*, empregou nas duas ultimas as desinencias do preterito perfeito do indicativo do verbo da 1.ª conjugação.

Terá culpa o professor da veneranda lingua morta, hoje em dia mais do que nunca renegada, dos erros commettidos por discipulos que fôram ou são ainda seus?

De outra feita, o mesmo docente da lingua patria teve de aludir ás «Americanas» do inexcedivel romancista de *D. Casmurro* e, fazendo sentir que o americanismo de Machado de Assis se differençava do americanismo de Alencar e Gonçalves Dias, exemplificou com a bella composição «Potyra», a «Christã Lucrecia» na phrase do grande poeta, narrando a breve historia da heroina.

Então, volvendo-se para um alumno e outro e mais outro da classe pediu a explicação da phrase. Os interpellados mostraram-se alheios ao caso da nobre dama romana daquelle nome. Será que o professor de Historia Antiga haja silenciado um facto

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

que concorreu para a mudança de governo na velha Roma?

Facto igual reproduziu-se em aula posterior do mesmo docente.

Viera á baila o Visconde de Taunay.

Depois de falar no bello idylio campestre que é «Innocencia», referiu-se a outra obra-prima do Visconde — «A Retirada da Laguna» e declarou ser a narração da retirada das forças brasileiras, sob a metralha e fusilaria paraguayas e o flagello do colera, dirigida a principio pelo Coronel Camisão e, após o fallecimento deste, pelo mesmo autor daquella obra, razão por que viera este a ser cognominado o «Xenophonte Brasileiro.»

Como sempre procede para avivar conhecimentos que suppõe adquiridos, interpellou esse docente de lingua patria a varios alumnos da classe sobre o porque desse appelido, e elles pareceram mais uma vez jamais ter ouvido falar na retirada dos Dez mil Gregos dirigida por Xenophonte, que mais tarde a historiou na sua «Anabase».

Injustificada é, portanto, a continua inculpação feita ao docente de lingua vernacula pelas falhas de linguagem notadas nos discipulos. Por ventura não se lastimam professores de lingua estrangeira e professores de sciencia do inaproveitamento dos respectivos discipulos?

O malsinado docente dá a sua aula. Fala, certo, sem eloquencia; sua linguagem tem de ser naturalmente singela.

Talvez, por essa inelegancia, as palavras delle entram por um ouvido (se por ventura entram) e logo sahem pelo outro e logo se diluem no ar ambiente,

Já o fiz sentir noutro logar (REVISTA DE EDUCAÇÃO). E' que, como então frisei, «verba volant» — sentença que não é de quem usava os acalcanhados sóccos de um docente de lingua vernacula, mas calçava fino cothurno de superior fabricação.

O malsinado docente dá a sua aula; e, de giz na mão, repete uma vez, repete outras vezes, alguma lição já dada porque a reconheceu inaproveitada por sua classe de 60, de 70 alumnos, sentados aos dois, aos três, numa só carteira...

Nesse remôer de um mesmo assumpto, antepõe-se-lhe ás vezes, por algum delles invocada, a autoridade de um professor de lingua estrangeira ou algum professor de sciencia.

Uma autoridade em frente a outra autoridade!

O malsinado docente considera o facto de linguagem ou grammatical, posto em litigio, e torna a explicar mais uma vez o caso e justifica-o. O professor de lingua estrangeira ou de sciencia tinha avançado demais na seara alheia e... cochilara.

Defendendo assim sua autoridade profissional, deixa aquelle inabalada a de qualquer que seja o outro, descarregando para a esquerda: crimina a desattenção do alumno, que não terá ouvido bem as palavras.

Vezes outras, recorre o alumno em justificativa de erro que lhe haja sido imputado, á autoridade do grammatico...

E' tão elevado, hoje em dia, o numero dos grammaticos!

E o alumno aponta-lhe com o dedo e o malsinado docente lê na grammatica... (E' a eterna confusão da letra com o phonema por ella representado!) que «fricativa é cada uma das *letras consoantes* que se produzem com estreitamento, mas sem contacto das partes do tubo vocal» e noutra parte que «cedilha é o signal modificador do phonema insonoro *c* antes de *a, o, u*".

Francamente é de estarrecer a um pobre docente de lingua vernacula no Amazonas vêr que não houve invenção do alumno, que este repete lição de grammaticos!

E' de estarrecer, em verdade, pois letra nenhuma se produz em nenhum órgão do apparelho vocal: a letra produz-se no papel ou outra superficie ou mesmo no ar. O que no tubo vocal se produz é um phonema, um som elementar, constitutivo da palavra humana, seja voz seja consonancia.

Por sua vez, a cedilha não modifica o phonema: collocada sob a letra *c* antes de *a, o, u* indica apenas que essa letra deixa de representar então uma consonancia explodida gutural — *maça* e não *maca*, *moço* e não *moco*, *alcaçús* e não *alcacús*.

Ou ainda se acosta o alumno á autoridade do compendio de tal ou tal disciplina, escripto que foi tambem (lá está declarado em letras gordas) pelo professor Fulano do estabelecimento de ensino tal...

O caso, como vêdes, continúa grave e não menos... triste.

O que se deprehende do compendio é o descaso do autor para a lingua que fala e em que escreve, para a lingua que é sua. O que o compendio nos mostra é que, para o

autor, em havendo mais de uma letra com que representar um mesmo phonema, pode o escriptor empregar na mesma palavra a que melhor lhe aprouver no momento; que fica á vontade do escriptor a omissão ou o uso deste ou daquelle accento.

Perguntar-se-á, talvez:

— Que tem isso? «Flor» com o accento circumflexo, que actualmente se lhe pespega sem razão, deixa por ventura de ser por isso o producto do vegetal? Deixa acaso de ser «dôr» uma sensação desagradavel, se o vocabulo fôr privado da notação?

Apesar da pratica erronea de jornalistas e romancistas e scientistas e, mesmo, (quasi *horresco referens)* professores da alta estirpe, emquanto em «dôr», assim como em «côr», impõe-se o accento, é uma excrescencia em «flor»

Que mal faz, dir-se-á, deixar ao bel-prazer do escriptor accentue ou não a preposição «a» e o mesmo faça, em se tratando da chamada crase?

Está presente o mestre dos mestres de Português, o dr. Adriano Jorge, e elle dirá comigo que tal licença não é permittida.

Entretanto. quantos assim praticam erroneamente, não perdôam, por exemplo, ao estudante de Francês omitta ou troque qualquer dos accentos que essa lingua adopta.

Presente igualmente se acha a illustre professora substituta de nossa Escola Normal, Ex.ma D. Zilda Barbosa Antony, e ella, por sua vez, apoiará minhas palavras.

Por esse descaso... criminoso que, entrando pelos olhos do alumno e fixando-se-lhe no cerebro (scripta manent), annulla a lição do professor de lingua patria, notavel professor, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de livros didacticos, achou de accentuar a preposição «a» em «chegou a intolerancias», «resistindo a fraquezas e apetites» etc., e ao verbo «fez» que escreveu correctamente com «z», superpôs um accento circumflexo!...

Desse exemplo (bons ou máos, os exemplos proliferam, estes — mais facil e promptamente do que aquelles), desse exemplo — que se encontra em mais alguns livros didacticos,— provém de certo estarem apparecendo encimadas de tal notação outras palavras com o final em «ez».

São questões de nonada, bradar-se-á, mas o professor de lingua estrangeira e o professor de sciencia assignalarão muito merecidamente essa accentuação erronea, se a encontrarem em trabalhos escriptos de discipulos seus e a culpa irá recahir no malsinado docente de lingua patria.

O que occorre com os signaes diacriticos, occorre com as letras «s» e «z», por exemplo, cuja serventia respectiva já de ha muito se achava quasi plenamente regulada. Entretanto, uns se tomaram de indisfarçavel ogerisa para com o «z» medio; outros continuam a empregar displicentemente uma ou outra daquellas letras, segundo lhes apraz na occasião.

Assim, se num livro finamente escripto apparece «civilisado» (com *s)*, dez paginas adeante mostra-se-nos «civilizado» (com *z)* e noutro livro em que estudantes buscam modelos de redacção, «mãesinha, irmãsinha», etc. alternam «s» e «z» como se o autor quisesse não brigar nem com uma, nem com outra letra. Nas paginas publicadas dum livro em preparo, se se encontra «z» em «cruzados», é «s» que figura em «crusamento.»

Ora, estas lições (repito) gravam-se melhor no cerebro do alumno, porque lidas no livro ou no jornal e assim entradas pelos olhos, emquanto as lições de aula — mesmo que acompanhadas de giz — soffrem a consequencia da desattenção inevitavel numa classe de 60, de 70 alumnos, (repita-se igualmente), sentados aos 2, aos 3 numa só carteira.

E o descaso da lingua patria prosegue já no emprego erroneo da letra, já em sua geminação: «espontaneo», «esplendido» e cognatos com «x» surgem em quasi cada columna de jornaes ou linha de romances e, até, de livros de ensino. Ainda não faz muito, exposto á venda na Livraria Academica ou na Livraria Escolar, estava um tratado de philosophia, bella encadernação, no qual se ostentava o titulo «Lições de Philosophia» com dois «cc» em typos bem gordos.

Perguntaram-me um dia:

— E' pra*zei*rosamente ou prazerosamente?

— Pra*ze*rosamente, respondi; e descendo logo ao meu papel de docente, expliquei: de «prazer» — «prazeroso»; de «prazerosa», feminino deste, — «prazerosamente.»

— Veja isto; e o meu interpellante mostrou-me um dos jornaes da terra.

Lá estava «prazeirosamente», e sob o artigo fulgia o nome de um immortal.

— Isso é erro de imprensa, ponderei.

— Não, contestou o meu interpellante; o immortal só escreve assim.

E da gaveta retirou varias tiras de jornaes com trabalhos do academico, em todos os quaes apparecia o infallivel «prazeirosamente.»

Essa lição erronea, bebida nos jornaes, entrou pelos olhos e gravou-se no cerebro; e um dia o malsinado docente de lingua vernacula teve de encontrar, em ligeiro trabalho de composição escolar, o intruso «i» epenthesico do adverbio tão predilectamente querido pelo illustre homem de letras.

E' o eterno menospreço da lingua!

Desses vicios de expressão mais ou menos rebarbativos pullulam nas noticias espalhafatosas dos jornaes, nos romances cassangemente traduzidos...

Nem é de admirar! Tambem os ha encontradiços em livros de grammaticos, scientistas, pedagogos de alto quilate, que nelles incidem (repito mais uma vez) pelo descaso com que se servem da lingua patria.

«Cada uma dessas phrases *dialectaram-se* ...

«Os methodos devem basear-se sobre a experiencia infantil, *irem* do conhecido para o desconhecido...

«Todo o ensino, até de ginastica e de musica, *tendem* a melhorar a alma...

«Os Romanos de alta gerarchia ou meios de fortuna iam a Rodes, em Atenas, *se aperfeiçoarem* em estudos...

«E que *possam* haver...

«*Trazer-nos-á* outra vez á praia...

«Que *hajam* outros requisitos...

«Não *houvessem* outras comparaveis...

«Dez annos *fazem* já...

Para que mais?

Certo, para que mais? Eu estou ouvindo cochichar a cada canto desta sala, pasmados todos mui justamente de que «um bicho da terra tão pequeno» ouse estar apontando deslises nos grandes vultos no mundo das letras patrias.

Sras. e Srs., o malsinado docente de lingua vernacula luta, para aproveitamento de seu ensino, com difficuldades maiores do que o professor de lingua estrangeira, ou o professor de sciencia.

Basta considerar-se a differença de meios, onde os 60, os 70 alumnos da classe passam o longo periodo de sua existencia, meios em que a cada instante a lição diaria de 50 minutos do docente é destruida pelo descuramento do falar quotidiano.

— «Tenha mais *parcimonha*...

«Não *bole* ahi, menino!...

«Peço-lhe *para emprestar-me*...

«Prefiro fazer isto *que aquillo*...

E...

Está finda a leitura.

Como o corvo de Edgard Poe declaro: «No more! quer dizer — nunca mais me pegarão noutra.»

Novos Socios da S. A. P.

No mez de Outubro fôram propostos e acceitos os seguintes socios: contribuintes, professores Vicente de Souza Blanco, Domingos Theophilo Carvalho Leal, Gentil Bittencourt, Pericles Moraes, Jayme Nogueira Pontes, capitão Tullio Belleza, Zilda Antony, Virgilina Gonçalves Ferreira, Cesarina Ponce Damasceno, Padre Estelio J. M. Dálison; cooperadores, dona Alegria Benoliel Israel, senhorinha Maria do Carmo Samico e senhores capitão Aluizio Ferreira e Vicente Nunes da Silva; correspondentes, em Belém: professores Paulo Eleutherio, Justino Baumann e snr. Ambrosio Peres; no Rio: professoras Mercedes Dantas, Celina Padilha e snr. Nilo Benevides Uchôa; em S. Paulo: tenente Inephane Alves de Carvalho; em Carmo do Rio Claro (Minas Geraes): dr. Merolino Correia; no Rio Grande do Sul, professora Erna Feiden.

Em sessão de 6 de Novembro fôram acceitos, como socios contribuintes, os professores José Guedes de Salles Bastos, Djanira Gomes e padre Carlos Fluhr; como cooperador, dr. Virgilio de Barros.

E' PLANO do Director Geral da Instrucção Publica pôr em vigor o dispositivo regulamentar da creação, nesta capital, de um Curso de Férias. Nelle tratar-se-á de Pedagogia, Psychologia, Hygiene, Lições de Cousas, etc., sendo obrigatoria a frequencia aos professores publicos primarios.

O ENSINO PUBLICO EM MINAS GERAES

Merolino Corrêa.

CONFERENCIA LIDA NO GRUPO ESCOLAR MARECHAL HERMES, EM 23 DE SETEMBAO DE 1933.

Honrado, sobremaneira, com o convite que, pessoalmente, me foi dirigido pelo illustre professor Agnello Bittencourt, para proferir algumas palavras nesta empolgante tertulia, aqui me encontro inclinado á obediencia, esquecido do meu desvalor e disposto a vergastar a vossa curiosidade com a desharmonia do meu tosco phrasedo, certo de obter o vosso perdão misericordioso.

E se, afinal, por um desses caprichos inescrutaveis da fatalidade, eu devesse ser condemnado, por infligir-vos uma desillusão, haverieis tambem, em louvor á coherencia, de condemnar o mandante desse crime de lesa-paciencia que vou praticar, pávidamente.

E' que, minhas senhoras, em direito, tão criminoso é o mandante como o seu mandatario.

Antes de tudo, minhas gentis patricias, permitti que vos fale a linguagem da saudade e da gratidão, relembrando o muito que devo a esta terra, onde aprendi as primeiras letras do alphabeto, e da qual estive afastado por mais de quinze annos, amando-a sempre, com todas as veras, defendendo-a, tantas vezes, intimoratamente, de aleivosos ataques, de soezes diatribes com que a alvejavam e alvejam ainda os sulistas ignorantes das coisas e factos amazonenses.

Deixae que vos afiance quanto padecido tenho nessa longa ausencia em que tanto se requintou e cresceu o meu amor pela sagrada gleba que guarda os despojos de minha querida mãezinha, por este Amazonas que encerra todo um passado de trabalho e sacrificios mal premiados desse velho bom e probo, que é meu pae, por este amado Amazonas que serviu de berço a todos os meus irmãos vivos e a alguns dos que a morte levou para a eterna sombra.

Eu disse, certa vez, que a saudade é a prece dos ausentes que se amam.

E se o amor é quasi sempre synonimo de soffrimento, se não existe amor sem magua e dor, é apodictico que quem ama de longe, ama de verdade, porque muito soffre os tormentos da distancia, os aculeos da saudade, porque entre a esperança e o desalento embala o coração no crisol da constancia.

Pois bem; agora sei, Amazonas, quanto te amo, porque, amando-te á distancia, experimentei o caustico doloroso da nostalgia, pensando, cheio de desanimo que não mais me seria dado rever-te as plagas verdejantes, beijadas pelas ardentias do sol do Equador, pelas aguas rumorosas desse rio immenso e bello, que devera ser motivo de orgulho de todos os brasileiros.

Consenti, então, minhas senhoras, que eu testemunhe, de publico, a minha gratidão perenne áquelles que desbravaram o meu espirito, libertando-o das trevas do analphabetismo, derramando no meu cerebro as primeiras noções de sciencia, preparando-me para encetar estudos mais serios e profundos, até alcançar a laurea academica, na Faculdade de Direito.

E ninguem, talvez, mais digno de receber a homenagem do meu affecto e do meu reconhecimento do que o dr. Agnello Bittencourt, eminente director da Instrucção Publica, meu antigo Mestre, provecto educador e figura da mais alta significação na historia da pedagogia amazonense. Gerações e gerações de estudantes doutrinados por elle, podem attestar que nenhum professor o excedeu em desvelo e proficiencia, em bondade e justiça, durante os longos annos de serviços que vem prestando ao Estado do Amazonas.

Delle, pois, é licito asseverar que, *primus inter pares* do magisterio, á frente da Instrucção, é bem o *the right man on the right place.*

Paulo Barreto, aquelle scintillante jornalista carioca, que tanto alindou a feição da chronica, vestindo-a de estylo leve e doirado, Paulo Barreto, esse admiravel *João do Rio*, como era mais conhecido, sustentou certo dia que — a fé exclue a pretensão.

Ora, aquillo que se convenciona chrismar blandiciosamente de palestra, não passa de arenga insipida e despretenciosa.

Nesta conversa entre amigos que se não avistavam ha tanto tempo, tentarei bosquejar, pallidamente embora, por falta de elementos de informação precisa e convincente, o que é a instrucção publica no Estado de Mínas Geraes.

Haveis de relevar-me os senões que notardes no decurso dessa prosa fiada, para a qual fui chamado de surpreza.

De inicio, posso assegurar-vos que o povo montanhez, em cujo seio vivo e trabalho, ha dez annos, tem geralmente uma noção exacta desse gravissimo problema educacional, encarando com sympathia e interesse a acção do Governo, auxiliando-o material e moralmente em tudo quanto se relacione com o progresso crescente e ininterrupto do combate pela alphabetização.

O proprio jeca já compreendeu que é verdadeiramente criminoso o proceder do pae que se descura de mandar seus filhos á escola. Por muito pobre, o roceiro se preoccupa com o ensino das letras á sua prole, manifestando real contrariedade quando não ha escolas publicas perto de suas miserrimas choupanas.

E ainda que haja paes desidiosos que, explorando o trabalho de seus filhos, tentem esquivar-se ao dever comezinho de instruil-os, o Estado tem, expressos nos seus regulamentos, meios coercitivos de chamar á ordem os relapsos.

O Estado de Minas trata com um carinho insuperavel, com uma visão patriotica extraordinaria, da instrucção de seus habitantes, convicto de que a ignorancia, como bem affirmou o sabio professor Miguel Couto, em memoravel conferencia,— « é uma calamidade publica como a guerra, a peste, os cataclysmos, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céo bonançoso, mas a ignorancia é qual o cancer, que tem a volupia da tortura no corroer, cellula a cellula, fibra a fibra, inexoravelmente o organismo; dos cataclysmos, das pestes e das guerras se erguem os povos para as bençãos da paz e do trabalho; na ignorancia se afundam cada vez mais para a subalternidade e a degenerescencia. »

Não ha quem de bôa fé possa contestar que o progresso de qualquer paiz se aquilata pela cultura do seu povo, pelo menor numero de analphabetos.

As grandes potencias não se tornaram verdadeiramente grandes apenas pela efficiencia do seu material bellico, pelas forças armadas de terra e mar, pelos seus aguerridos aviões, mas tambem, e principalmente, pelo maior numero de escolas, institutos propedeuticos, universidades, para diminuição ou exterminio do peor de todos os sarcomas sociaes, que é o analphabetismo.

Exemplo por demais expressivo nol-o offerece o inclyto Mestre da Medicina Nacional, no caso do Japão, onde o coefficiente de frequencia escolar se fixa em 99,5 %, lembrando, com o apoio de Gustavo Le Bon, que a formidavel esquadra do imperio russo foi quasi totalmente destruida, a 27 de maio de 1905, no espaço de poucas horas, pelos encouraçados nipponicos, causando assombro ao mundo inteiro a noticia de tal derrota.

Inquirido sobre a causa de tão retumbante successo, o embaixador japonez em Paris explicou:

« O desenvolvimento actual da minha patria é o fructo da educação ministrada ao povo, quando uma revolta o tirou ha pouco do feudalismo ».

As nações mais poderosas do universo são aquellas que maior cultura apresentam.

Quem ignora o valor do povo allemão, do norte americano, do francês, do britanico, do italiano? E não são, acaso, a Allemanha, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, a Italia, grandes centros de cultura, onde se combate o analphabetismo como uma injuria á nacionalidade?

Se nós brasileiros gastassemos menos tempo e dinheiro em politica, e cuidassem os dirigentes de instruir a nação convenientemente, que muito que teriamos progredido e caminhado na vanguarda de tantos paizes do globo?

Não foi sem razão de magistral eloquencia que um verdadeiro patriota exclamou, inflammado de civismo:

« No Brasil só ha um problema nacional: — a educação do povo ».

Verdade palpitante, verdade comburente, verdade bem verdadeira, isto vem sendo proclamado e repetido, desde os tempos primevos, pelo genial Platão e pelo seu não menos genial discipulo Aristoteles, o que não impede que muitos governos hajam relegado a questão para plano inferior, a

despeito do aviso axiomatico do philosopho veracissimo:

— « Ninguem contestará que a educação deve ser um dos principaes objectos de estudo dos governos, porque todos os Estados que a desprezaram cairam em ruina».

Reconheço que o problema não sendo insoluvel, é bem considerado agora, dada a vastidão do nosso solo, desprovido de vias de communicação bastantes e perseguido pelas endemias periodicas nas regiões mal saneadas.

De lamentar, porem, que o proprio governo implante o desanimo no meio em que deveria estar permanentemente hasteada a bandeira da fé que ergue montanhas, do idealismo que desconhece o impossivel.

No Brasil os mais abnegados são justamente os mais sacrificados. Quando os governos pensam em corrigir os desmandos financeiros, já sabem os pequeninos que o seu ordenado quasi atomico tem de ser minorado ainda, para correcção dos orçamentos, para salvar o paiz.

Mas, neste discretear desviei-me, sem sentir, do roteiro traçado, do que vos rogo absolvição.

Dizia eu que o Estado de Minas é dos que mais se preoccupam com a instrucção.

E para proval-o basta a affirmativa dos numeros.

Ha em Minas 3.349 escolas primarias, sendo 2.105 estaduaes, 486 municipaes, e 758 particulares, das quaes 3.104 são mixtas, 173 do sexo masculino e 72 do sexo feminino.

Nessas sementeiras da evolução mental das Alterosas movimentam-se 7.804 professores, dos quaes 5.789 estaduaes, 613 municipaes, e 1.402 particulares, havendo 6 721 do sexo feminino e 1 083 do sexo masculino.

Esses 7.804 palinuros do patriotismo dirigem nada menos de 317.292 alumnos, sendo 254.751 estaduaes, 30.486 municipaes e 33.075 particulares, pertencendo ao sexo masculino 175.641 e 142.651 ao feminino. A frequencia escolar aponta 239.511 alumnos, dos quaes 128.809 do sexo forte, sendo 189 224 estaduaes, 22.492 municipaes e 27.795 particulares.

Concluem os cursos annualmente 20.614 alumnos, entre os quaes 16.311 estaduaes, 1.908 municipaes e 2.395 particulares, sendo que 10.348 pertencem ao sexo masculino e ao feminino 10.266.

A eloquencia desses algarismos é incontrastavel, mesmo que se trate de um Estado territorialmente enorme e populoso, referindo-se esses dados estatisticos ao anno lectivo de 1931.

Tudo isso custa aos cofres publicos estaduaes a bella cifra de Rs. 32.274:000$000, ou sejam 14,8% da previsão orçamentaria, cifra que se elevou consideravelmente em em 1932 e no corrente anno.

Posso adeantar que não está ahi englobada a despeza com a instrucção superior, sabido que a famosa Universidade de Minas Geraes absorve sommas bem altas.

Existem ainda outros estabelecimentos de ensino profissional, gymnasios e escolas normaes que exigem dos orçamentos annuaes grandes quantias para a sua manutenção

Numa palavra, é licito garantir-vos que o Estado dispende, todos os annos, cerca de 55 mil contos com a instrucção.

A direcção geral do Ensino compete ao Presidente do Estado e ao Secretario da Educação e Saúde Publica, tendo como orgãos auxiliares a Inspectoria Geral da Instrucção, o Conselho Superior da Instrucção e as Federações Escolares. Existe ainda um corpo technico de assistentes, como elemento de ligação entre o Secretario e a Inspectoria Geral.

Cabe ao Inspector Geral da Instrucção Publica a administração do ensino em todo o Estado, inclusive orientar a assistencia technica, a inspecção municipal, a de educação physica, a medica e a odontologica, alem das demais atribuições pertinentes ao cargo.

O Conselho Superior da Instrucção é um departamento administrativo e technico, composto de 12 membros, funccionando sob a presidencia do Secretario da Instrucção ou do Inspector Geral da Instrucção, incumbindo-se da interpretação de leis, processo e julgamento dos funccionarios do ensino, revisão de programmas, exame de obras didacticas, estudo e suggestão de medidas technicas que visem o aperfeiçoamento e efficiencia do ensino.

A Inspectoria tem duas secções, uma technica e outra administrativa, dispondo de numerosos inspectores municipaes e districtaes, que prestam serviços sem remuneração de especie alguma.

A inspecção e assistencia technicas são exercidas com mais proveito e seriedade

Bt Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

pelos presidentes das Federações Escolares e pelos assistentes especialisados, cada qual na sua circumscripção, podendo ainda o governo designar assistentes extraordinarios, quando reputar conveniente.

O Estado mantem ainda uma inspectoria medico-escolar, outra dentaria e outra de educação physica, as quaes, alem dos respectivos inspectores, contam com um corpo de profissiouaes idoneos, medicos, dentistas e enfermeiros.

O decreto 7.970 A, de 15 de outubro de 1927, que reorganizou o ensino primario de Minas, é um modelo digno de imitação, que nasceu antes da reforma da instrucção publica no Districto Federal, reflectindo o advento auspicioso de uma era nova, esplendente de promessas, pela adopção dos melhores dogmas da pedagogia hodierna.

Vigora no grande Estado central o systema da obrigatoriedade do ensino primario fundamental, sendo facultativo o complementar, de caracter technico e profissional.

No interregno dos trabalhos escolares, no começo de cada anno lectivo, os directores dos Grupos são obrigados a levantar o censo das creanças de 7 a 14 annos, em todo o Estado.

Findo que seja o prazo regulamentar, sem que os paes tenham promovido a matricula expontaneamente, esses meninos são matriculados *ex-officio*.

O trabalho censitario é feito com regularidade e presteza, porque os directores dos Grupos, com o auxilio das professoras, percorrem a cidade, de casa em casa, pedindo e annotando os nomes dos petizes que hajam attingido a idade escolar. Não é facil fugir ás informações pedidas, nem as desviar da verdade, eis que os directores podem recorrer ao Official do Registro Civil para confrontar as idades declaradas com as notas do assentamento, e são forçados a promover o registro das creanças que não estejam registradas.

Somente escapam á matricula e instrucção obrigatoria os meninos enfermos physica ou mentalmente, e os que residirem em localidade onde não haja escola publica ou subvencionada, num raio de dois a tres kilometros de distancia, isentos igualmente os que estudarem no proprio lar ou frequentarem escolas particulares.

Feita a matricula facultativa o official, os paes ou responsaveis ficam sujeitos a multas severas, se os filhos forem infrequentes, dobradas em caso de reincidencia essas multas.

Por outro lado, os directores do Grupo têm interesse em conservar elevado o nivel da frequencia escolar, pois recebem, para isso, periodicamente, uma gratificação.

O director de Grupo que vir um alumno a perambular pelas ruas, em hora de aula, pode pedir o auxilio da policia para levar o recalcitrante á escola.

Anterior ao ensino propriamente primario, é o infantil, que abrange um periodo de tres annos, ministrado nos Jardins de Infancia e nas Escolas Maternaes, cada classe com 25 alumnos, no maximo.

Ha ainda as escolas ruraes, com tres annos de curso, para formar as professoras districtaes de escolas isoladas.

Os Grupos Escolares funccionam nas cidades e villas, tendo seis cadeiras no minimo e 300 alumnos O curso é de quatro annos. As classes não devem ter mais de 35 creanças, nas escolas ruraes e nocturnas; 40 nas districtaes e 45 nas urbanas.

Os Grupos Escolares são de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias, conforme o numero de classes que possuam; mais de 15, para a 1ª; 8 a 15, para a 2.ª e menos de 8, para a 3.ª.

Ha cidades como Juiz de Fóra, Cataguazes, Ponte Nova, Varginhas e muitas outras que têm tres, cinco e mais Grupos.

As escolas nocturnas são frequentadas pelos menores de 14 annos em deante e pelos adultos que não puderam aprender a ler, por qualquer motivo.

Os Grupos podem trabalhar em dois turnos, segundo as necessidades do ensino, dada a affluencia de alumnos, o que determina o desdobramento das classes, durando as aulas das 7 ás 11, e das 12 ás 16 horas, não ultrapassando de tres horas o tempo destinado aos alumnos do 1.º anno, reservada meia hora de recreio, ao ar livre, em pateos amplos e arborisados, para todos os alumnos, sob a fiscalisação das professoras, que dirigem os jogos e exercicios, inventam brinquedos, provocam palestras instructivas, contam historias divertidas, com maternal carinho, tudo sem sacrificio da liberdade das creanças.

A installação dos Grupos Escolares é, materialmente, optima. O mobiliario é uniforme, elegante e commodo. Os predios, quer os aproveitados, quer os adrede cons-

truidos são espaçosos e limpos, mormente os das cidades mais adeantadas.

A' margem dos Grupos da Capital e de Juiz de Fóra, que são luxuosos e providos de todos os melhoramentos, ha, é certo, nem desejo escondel-o, alguns mal installados e deficientemente apparelhados, no interior do Estado.

Em compensação, numa cidade como Cataguazes, formosa e culta, onde fui promotor publico durante tres annos, ha tres bons Grupos, de ricas installações. Basta dizer que o salão de honra de um delles ostenta lindos tapetes, cortinas, piano e um mobiliario do preço de quasi 50 contos de reis.

Esse Grupo tem jardim, museu infantil, bibliotheca, sala de costuras e trabalhos manuaes, apparelho cinematographico, gabinete do director, salão de repouso para as 56 professoras e estagiarias que nelle trabalham.

Tremedal, uma cidade dos confins do sertão mineiro, a 200 leguas de Bello Horizonte, limitando com a Bahia, possue magnifico predio, de construcção sobria e distincta, onde 500 creanças recebem os beneficios da instrucção. Esse Grupo tem sua bibliotheca infantil, o seu museu, parque murado, tudo modesto e decente.

A legislação do ensino primario, facilita o evolver de todas as instituições e actividade que impulsionam a Instrucção publica. Assim é que junto aos grupos, escolas reunidas e isoladas vicejam as Caixas Escolares, as Ligas de Bondade, as Associações de Mães de Familia, Museus e Bibliothecas infantis, os clubs de leitura, os Pelotões de Saúde e o Escoteirismo.

Para não tomar longo tempo, quero dizer-vos que de todas essas instituições as que maiores beneficios prestam ao ensino são as Caixas Escolares.

Como presidente da Caixa Escolar « Dr. João Pinheiro », que funcciona annexa ao Grupo Escolar « Cel. Manoel Pinto », na cidade submineira de Carmo do Rio Claro, onde exerço o meu cargo de juiz obscuro e ignoto, estou habilitado a descrever os prodigios de caridade praticados por uma Caixa Escolar. A pobreza infantil recebe uniformes, merenda, livros, cadernos, tinta, remedios e tudo quanto necessario fôr para que a criança não falte á escola, para que não deixe de instruir-se.

São associados dessas Caixas de Beneficencia todas as pessôas gradas dos municipios de Minas, os medicos, engenheiros, advogados, dentistas, fazendeiros, negociantes e funccionarios publicos, que não se eximem á contribuição de uma mensalidade relativamente irrisoria de 1$000 ou 2$000 para ser possivel o milagre das despezas elevadas que annualmente se fazem.

E quando a ameaça de exicio pésa sobre as Caixas Escolares, os seus dirigentes promovem festivaes, chás-dansantes, espectaculos theatraes em que os artistas minusculos, coadjuvados pelos amadores adultos, realizam maravilhas para a obtenção do equilibrio orçamentario, angariando fundos para a sociedade.

E' de applaudir-se o esforço desinteressado das professoras que se sacrificam nos ensaios e preparativos dos programmas a executar, destruindo todas as dificuldades, removendo todos os obstaculos, afim de que a festa agrade em cheio a quantos concorram com a sua moeda para a restauração das finanças combalidas da Caixa.

E todos compreendem a finalidade altruistica do festival e acodém prazerosamente em auxilio dos que o idealizaram. Chovem bandejas de flores naturaes e artificiaes, arranja-se a philarmonica da terra para maior realce do empreendimento, sem embargo da dedicação com que durante dias e dias os curiosos musicaes, formando orchestras afinadas e provisorias, se prestam aos ensaios dos numeros programmatizados, dos canticos e bailados em que as creanças se exhibem, com naturalidade e graça, encantadoramente, algumas com o desembaraço incrivel de artistas profissionaes.

Seria indesculpavel palurdice querer eu, em escabrichada forma, fazer-vos a descripção de um festival dessa ordem, porque todos já o deveis ter visto, sendo, não raro, os applausos explendidos apenas a devolução inconsciente dos que na infancia tambem recebidos foram, nos dias de grande gala, em que a alma da meninice explode em sustos e alegrias, na espectativa de vaidades ephemeras.

E quantos desses applausos não representam uma emoção suave, em que se occultam olhos mádidos de pranto, em que a lembrança dos tempos que não voltam mais, excrucia o coração dos que já trazem os cabellos enluarados pela cinza das des-

illusões, pela neve dos caminhos, pelos desgostos da vida.

Muita vez, quando menos se espera, um donativo salvador vem delir as miserias e apprehensões de um *deficit* no orçamento da Caixa.

Esquecia-me de dizer-vos que o curso de normalistas é feito em tres annos, afóra dois da serie complementar.

A alumna que termina o 4.º anno primario, passa para o curso annexo á Escola Normal, onde conquistará o diploma de professora, cinco annos depois, se não houver insuccessos nos exames e nas provas parciaes.

Em algumas cidades de maior importancia, existem Escolas Normaes do 2.º gráo, para as professoras que hajam concluido o curso nas do 1.º gráo e queiram aperfeiçoar os estudos, durante dois annos. As normalistas de 2.º gráo têm preferencia nas nomeações para o magisterio e nas promoções para os Grupos da Capital.

Além disso, em Bello Horizonte funcciona a Escola de Aperfeiçoamento de Professoras, onde são matriculadas as professoras do interior que se revelarem dedicadas amigas do ensino, a juizo e por indicação dos directores dos Grupos onde servirem, ou mediante proposta dos assistentes technicos. As matriculas são disputadas porque o aproveitamento das vocações é incalculavel. O corpo docente dessa Escola é o melhor possivel, chegando o Estado a contractar professores de nomeada, nacionaes e estrangeiros, para leccionar um numero não muito elevado de *professoras — alumnas*. Estas têm direito a uma diaria durante o tempo do curso, que, se me lembro bem, é de dois annos, e são desligadas da Escola se não puderem ou não quizerem estudar. Esse curso é apertado e exige muito esforço e bôa vontade.

Ganha uma professora em Minas, actualmente, 280$000 por mez, e uma estagiaria 200$000. Antes da revolução de 1930 ganhavam 320$000, sendo que as professoras da Capital percebem melhores vencimentos que as do interior.

Urge terminar. Não devo abusar de vossa longanimidade.

Mas, quero repetir-vos que o progresso constante de Minas e de S. Paulo não se explica senão pela diffusão do ensino.

Miguel Couto pregou na sua conferencia que não ha mais rendoso emprego dos dinheiros publicos do que o que se destina á cultura, assim como a ignorancia é o primeiro e maior factor do atrazo, da pobreza e da inferioridade de qualquer nação.

E Coelho Netto, o insigne romancista patrio, perguntado recentemente sobre qual seria a maneira mais pratica de combater o analphabetismo, respondeu simplesmente: — « ensinando a lêr » !

Eu vos concito, portanto, cheio de fé, ardente de enthusiasmo, com o coração ajoelhado neste altar da Patria, que é a escola, eu vos concito, professoras amazonenses, a proseguirdes, com inquebrantavel abnegação, com o mesmo stoicismo, nessa gloriosa tarefa de ensinar, de preparar os cidadãos que hão de erguer o Amazonas da situação de penuria e de abandono, de desanimo e decadencia em que se encontra.

Derramae no cerebro de vossos alumnos a claridade das letras, percutindo-lhes na consciencia o mais vivo e arrebatado amor a esta terra querida, onde os dias nascem sob o esbanjamento da mais intensa luz e o crepusculo, sem as nuvens pardacentas da melancolia, empolga todos os nossos sentidos, pois que o sol descamba e agonisa envolto num sudario de ouro e purpura, transportando nessa alma aos páramos infinitos do extase e do sonho.

Commungae com a juventude a santa hostia do trabalho e do optimismo, da coragem e da perseverança, do amor e da gratidão, da bondade e da justiça.

Ensinae aos vossos discipulos a crer e a sentir, illuminando-lhes o coração de fulguras esperanças, de sadio idealismo, de vero patriotismo, lembradas de que o sceptico Rénan já sentenciara que neste mundo — *rien de grand ne se fait sans chimères.*

E assim fazendo, Deus vos encherá os lares de fartura, alegrias e felicidades.

A Sociedade Amazonense de Professores vae festejar o *Natal da Creança Pobre.* Nelle serão distribuidos 100 cortes de fazendas a creanças de ambos os sexos, de 3 a 7 annos de idade. Afim de conseguir donativos para tão altruistica idéa, levar-se-á a scena, a 30 do corrente, no Theatro Amazonas a revista-fantasia *Em fórma de Coração*, ficando a Sociedade com 50 o/o da renda total.

O MUTIRUM

Bianor Frazão Braga

Talvez nem todos saibam o que é um mutirum. E' a reunião de dez, vinte, trinta, ou mais pessoas, para a roçadura ou derrubada de matas para roças. Quási sempre se realiza aos sábados ou na véspera de dias santos, pois, habitualmente, é seguido de ladainha e dansas, á noite. Setembro, outubro — novembro, para os retardatários — é a época própria. Uma semana, dez, quinze dias antes, o dono do *mutirum* sai para fazer os convites. E de volta, á noite, numa rede, com uma perna de fóra, a balançar-se, diz á mulher, com olhar pregado no této de palha, contando pelos dedos na mão espalmada: « Manuel Prego, Pedro da Conceição, Bananeira, Pocoró, Zé da Rita, Cupiúba... é bom machado, mas gosta da « branca », Zé Barbosa... é rijo, é dos antigos, teimosia, porém, é aí; o pau vem cai não cai, a gente grita: « Corre, Barbosa! O pau te mata! » — « Já viram pau matar cearense?! » faz, olhando para cima. Mas êles virão também; com geito a gente os leva. São bons camaradas!... »

Chegou o dia. Há um brilho de alegria no olhar do dono da casa, que lhe transmuda a fixidez costumeira, inexpressiva da fisionomia. O caboclo velho sorri, expande-se, transforma-se, dir-se-ia que a sua alma remoça, até. E porque não? se o *mutirum* é a gênese, a promessa, a esperança das messes fartas a ondear no verde tenro do mandiocal, no louro macio do arrozal, nos penachos esvoaçantes dos milhos, que se espalham nos plainos e descem pelas ladeiras até ao fundo das baixadas? E' hoje a festa rústica. Bem cedo, ainda, começam a chegar os convidados, cantando, assobiando, alegres e joviais, com os machados a luzir á luz indecisa da manhã, ostentando a hostilidade perigosa dos gumes afiados. Logo á chegada, servem-lhes o café, cheiroso, quentinho, com roscas, farinha tapioca e manteiga; oferecem-lhes cigarros... Brinca-se, graceja-se, ri-se, para um lado; para outro, desencabam-se, amolam-se machados, a espera dos atrasados. « Faltam Raimundo Anani, Chico Pretinho, Chico Nobre; êles não deixam de vir, garantiram. Vamos esperar. » — diz o dono da casa, olhando para o caminho.

O sol vai montando no céu e o orvalho da madrugada, que paira em névoas sôbre o mato, vai-se rarefazendo, se esvanecendo, varado de luz. O caboclo lança um olhar indagador ao sol, com a direita em pala sôbre as sobrancelhas: « São oito horas; êles não vêm mais. Vamos embora! »

A êsse tempo já o capado cevado pende, em quartos, duma travéssa; os patos, os frangões já experimentaram o fio das facas executoras; em panelões de barro, fervem, a amolecer, o feijão e a carne-sêca, na expectativa dos legumes.

Os trabalhadores enrolam um último cigarro, sacodem ao ombro os machados e ala! Em caminho, um dêles puxa toadas simples cujo tema verbal é a vida da roça e que os outros acompanham em vozes mais altas ou mais baixas, formando, dêste modo, um conjunto original. E lá se vão, despreocupados, aspirando a emanação húmida das folhas, da terra, das cascas, dos musgos, roçagando as hervas e os arbustos molhados ainda, de que pendem, cintilando, grandes gotas de orvalho, límpidas como cristais. Mato a dentro, gritam, chilreiam, cantam passarinhos. Uns estridulam assobios de garoto de rua em vaia impiedosa; alguns extremam-se em variações dificílimas agilíssimas de flauta, defesas ao mais eximio musicista; outros, sonhadores talvez, choram dôres e saudades, em melodias lentas, compassadas, em "pianos" dolentes separando — parece — distintamente as frases

musicais, numa vocalização perfeita — só lhes falta falar no canto triste.

Chegam, enfim. "E' aqui" — diz o dono do *mutirum*, descrevendo um círculo largo, com o braço estendido, num gesto banal, mas que tem qualquer coisa de solene. Os homens dividem-se em grupos. Os fracos, os «amarelos», que o saculejo continuo do machado deixa arquejantes, sem fôlego, procuram a equivalência de companheiros que os não diminuam, e vão, para onde as árvores são menos robustas, *formar as picadas.* Os válidos — entre os quais se deparam, paradoxalmente, homens magros, raquíticos, enfezados — agrupam-se para outra banda. Uma seleção natural e, por assim dizer, preventiva de meio — o fraco entre os fracos, o forte de mistura com os do mesmo.

Lá adiante, ergue-se o tronco erecto de um colosso da floresta — piquiá, angelim ou pau-darco — distendendo os galhos possantes, em que há ressaltos acintosos de músculos retesos em esfôrço extremo. No tronco enroscam-se, enleiam-se, constringem-se como raivosas serpentes, pendem dos galhos até ao solo, amarram-no a outras árvores, como descomunais enxárcias bamboleantes, como amarras enormes mal colhidas ou pontes pênseis lançadas sôbre o vácuo cipós de dez, quinze centímetros de diâmetro e mais. Ao vento, cônscio da sua fortaleza, agita a galhada ostensivamente, altivamente, com o orgulho de penachos de elmos medievais, e mira, lá do alto, os pigmeus que o rondam. Mas nesses pigmeus que êle despreza, há, também, a solidez muscular dos troncos a reçumar saúde; a energia vibrátil, inquieta dos tendões a revelar-se, nos membros, em saliências e depressões equilibradas, em carnações modelares de estátua antiga; o sangue moço, fremente a galopar na prisão estreita das artérias; o justificado orgulho de não fraquejar, a vontade indômita de se afirmar positivamente um forte entre os demais.

Ferem o primeiro golpe — o gigante nem o sente, nem um frêmito o arrepia.

Amiúdam. Por mais de uma hora, sem interrupção, ouvem-se os ecos dos golpes, que a floresta multiplica; vêem-se voar longe os cavacos; os aços lampejam, a cortar obstinadamente, tenazmente. O cerne já está á mostra. Os machados mordem a madeira aos poucos, repulsados pela dureza desta, esquentados do atrito, rangendo, vibrando tinidos probativos de têmperas. De repente, a um golpe mais profundo, esguicha um jacto de seiva cristalina — é o sangue vegetal: seccionára-se a carótida do titão. Mas êle continua imóvel, altaneiro, indiferente. Se êle afrontára, incólome, os mais irosos vendavais! Que importavam, agora, aquêles golpes desferidos por anões? Levam adiante o córte. O âmago é um nada já. Param, a ouvir o que «diz» o monstro. Nada. Recomeçam. Avisam, aos gritos, que vão «derramar». E' que percebêram, no meio do cortar de tantos machados, um leve estalido, depois outro e outro — o moribundo arqueja, Os cortadores, com os torsos nús lavados de suor, luzidios como lutadores gregos ungidos para o combate, afastam-se rapidamente. O madeiro inclina-se, *crepita*, estala, ringe, geme prolongadamente como um ente humano, contorce-se, fustiga o ar com a ramada, braceja convulsivamente — e tomba, estrondando, ecoando, reboando pelas furnas, pelos fojos, pelo recesso da floresta, esmagando, quebrando, levando de roldão a picada em frente, levantando nuvem de pó e folhas. Os homens contemplam com temeroso respeito a queda grandiosa e terrivel. Chamam-se mutuamente, contam-se, e consideram-se felizes se nenhum encontrou a morte sob o corpo do gigante abatido. Sucede muitas vezes que um picador se descuida, ou uma rama, um cipó o faz cair, ou a *picada* abate inesperadamente ao revés — e o *inanimado vinga-se cruelmente*, pune o atrevido, aleijando-o para a vida inteira ou reduzindo-o literalmente, sob o seu peso de milhares de quilos, a massa irreconhecível, mixto de terra e sangue.

A primeira picada jaz por terra. Pouco depois, outro atrôo, outro fracasso — outra *picada que morde o chão.* Mais outra em seguida, outra ainda e outra mais.

O sol empinára e o calor chegára ao auge. «Hora do almoço, gente!...» — gritam lá do aceiro. Cessa o cortar compassado dos machados; práa... práa... práa... Os trabalhadores, reunem-se no aceiro; corre uma pinga. Espalham-se os pratos sôbre o tapete côr sépia das folhas sêcas. Um docel verde ramalha ao alto e ensombra-lhes a mesa primitiva. O pessoal atira-se á «boia», e come, come, com a fome dos que trabalham e suam. Alguns, porém, bem experimentados já, não se demasiam, alimentam-se sobriamente — apenas aguentam o corpo, lá na

giria dêles, no temor de que o excesso lhes diminua o vigor. Depois, aqui uns se deitam de peito para cima, imóveis como lagartos á soalheira, saboreando um cigarro, gosando os efeitos da modorra ambiente. Quem os visse nessa postura lassa não os diria capazes do esfôrço dinâmico de há pouco. Ali outros formam grupos esparsos, em palestra. Os moços fazem espírito, caçôam uns dos outros, expandem-se, riem em gargalhadas francas de quem a vida ainda não preoccupa muito. Os velhos, os chefes de familia, graves ponderados, consideram a qualidade da terra: bôa para mandioca, para tabaco, milho, arroz... recordam os «ajuntamentos» de quando eram moços, relatam factos que nêles se passaram...

Interrompe-se a palestra. E' tempo de tornar ao trabalho. Repassam-se os machados nas pedras. Recomeçam frouxamente, primeiro, amolentados pela refeição suculenta; depois, por volta das duas, reanimam-se, revigoram-se, e as *picadas* se sucedem nas quedas fragorosas.

O sol requeima. Levanta-se do solo um bafo quente de folhagem murcha e pisada. Os cabos dos machados escorregam, viscosos do suor dos braços que os manejam. A agua dos potes esgota-se, a abrandar a sêde daquêle tróço de homens.

As primeiras cigarras zinem, no fim da tarde. Depois tudo se cala e aquieta, pressentindo a noite. Mas ainda há uma «mãi de picada» que está dura, e os cortadores obstinam-se — vai porque vai! O dono do mutirum chama-os. «Já vamos! Ela não fica de pé; nem que rache; nem que a gente tenha de cortar alumiado com lamparina!» E continuam. Afinal, ás primeiras sombras da noite, cai, com um gemido longo, quási humano, de estertor, a ultima picada, perturbando a quietude religiosa do fim do dia.

Daquêle tráto de mata exuberante, onde se elevavam, pujantes, firmes, como que as colunadas lenhificadas do peristilo de algum imenso templo antigo — restam agora, por terra, misturados, uns sôbre os outros, de cambulhada, como dragões após uma carga, os sêres vegetais, feridos, mutilados, lascados, decepados, sangrando seiva por golpes disformes.

E os vencedores, os herois daquela «razzia», os vandalos daquela devastação, com os ferros assassinos balançando sôbre os ombros, voltam cantando a mesma toada simples da manhã, desapercebidos da vitória árdua e arriscada, como se fôsse nada tudo aquilo.

NOTAS SOBRE A CREAÇÃO

DA

ESCOLA NORMAL DE MANAOS

POLYBIO SERRA.

Meio século já nos distancia de 1882, anno em que foi installada a Escola Normal de Manaus.

Essa instituição não surgiu em consequencia do gésto impulsivo de um governante, nem a iniciativa particular concorreu para a sua fundação. Foi objecto de locubrações; soffreu um longo periodo de maturidade por parte dos homens a cuja direcção estavam entregues os negocios da Provincia.

Presidindo os destinos do Amazonas em 1857, o Conselheiro Angelo Thomaz do Amaral, quando a 1.º de Outubro dirigiu a sua Falla, á Assembléa Legislativa,— pediu a creação de uma escola normal. O Conselheiro Angelo do Amaral encarecendo a necessidade da creação desse estabecimento estudou a missão do Estado na formação da familia e o importante papel social que o professor desempenha, a quem chamou de apostolo da civilização. E terminando o capitulo da sua mensagem disse: «Farieis, portanto, um relevante serviço a provincia e ao paiz inteiro, se, de accôrdo com as exigencias das nações que mais progressos têm mostrado no modo de instruir e de educar a mocidade, organizasseis, ou autorisasseis a presidencia a organizar a instrucção publica, instituindo:

1.º — Uma escola normal para formatura dos professores publicos e particulares.

.....

Esta refórma que póde ser feita sem despendioso aparato, de accôrdo com as circumstancias da provincia, aproveitando os professores de instrucção secundaria, actualmente, de mais capacidade, e mandando contractar fóra algum que seja necessario,

é a meu vêr realizavel, e ha de dar dentro de poucos annos benéficos resultados».

Essas palavras encerram a primeira voz que se ergueu no seio da Provincia, pregando a idéa que era um sonho para a epoca. O idear de Angelo do Amaral era grandioso demais para ser compreendido pelos legisladores de então. Como a mais jovem das Provincias crear uma escola normal, se a Capital do Imperio ainda não possúe uma instituição dessa natureza? Como crear um estabelecimento dessa ordem na Provincia que ha pouco mais de um lustro quebrára os grilhões a que estivera presa, cujo tenir das correntes ainda se ouvia? Eram as interrogações que os legisladores faziam uns aos outros.

Mas a Provincia, que ensaiava os seus primeiros vôos de liberdade, que iniciava os primeiros passos de autonomia, já vaticinava a obra da instrucção publica, procurando preparar por esse meio o futuro das gerações porvindouras.

Falhára a primeira tentativa.

Francisco José Furtado substituindo a Angelo do Amaral, quando dirigiu a sua mensagem á Assembléa, em 6 de Setembro de 1858, lamentou a falta de pessôas habilitadas para exercer o professorado primario e lembrando medidas, disse: «Não vos proporei a instituição de escolas normaes, abonadas pelo exemplo da Allemanha, porque fallece pessoal e meios para sustental-as.» Como medida remediadora lembrava o Presidente, a exemplo da Hollanda e do que já havia na Côrte, — «a instituição de alumnos mestres por ser mais compativel com as circumstancias da Provincia». Fracassou a segunda tentativa que, como a primeira, continuou a desmerecer as attenções do legislativo.

Surge o anno de 1859 e a presidencia da Provincia é occupada pelo vice-presidente, Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda que reformou a instrucção publica, promulgando o regulamento n.º 18 desse anno, o qual já se vinha annunciando, ha mêses. Trouxe a reforma algumas medidas que procuraram levantar o nivel intellectual do professorado, embóra contivesse o regulamento, falhas bem sensiveis. Entre outras medidas postas em pratica estavam o exame prévio para o professorado e a creação da classe dos alumnos mestres, como havia lembrado Francisco Furtado em sua mensagem, no anno anterior.

Depois, uma década decorreu (1859-1869) e quatro reformas na instrucção publica se fizeram. Quatro tambem foram os regulamentos que se lhe deram e em todos elles os seus autores nada disseram, nada instituiram, no sentido da formação intellectual do professorado primario. Nesses regulamentos preoccuparam-se com o ensino secundario, que era dado no Seminario Episcopal de São José, creando cadeiras, modificando outras, de modo que elle podesse ser adaptavel ás circumstancias do momento.

Com o regulamento n.º 18, de 14 de Março de 1869 foi creado o Lyceu dentro das nórmas que o momento e a pratica indicavam, o qual tinha por fim ministrar o ensino secundario aos jovens que desejassem obter ingresso nas escolas superiores.

A orientação, que o ensino tomava naquella occasião, provocou da parte do Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, Director Geral da Instrucção Publica, sevéras e ponderadas apreciações que foram externadas em seu relatorio, apresentado ao governo da Provincia, em 16 de Fevereiro de 1871. Concluia o seu pensamento, affirmando que eram complexas as causas do não desenvolvimento da instrucção entre nós, as quaes reuniu em cinco grupos: — «I — indifferença dos paes; II — carencia de pessoal habilitado; III — exiguidade de vencimentos; IV — falta de methodo no plano geral do ensino: V — insufficiencia dos meios de instrucção».

Essas causas que ha sessenta e dois annos, eram o entrave para a marcha do ensino entre nós, podemos de passagem affirmar, sem receio de contestação, que ellas ainda hoje permanecem.

Na presidencia da Provincia o General Dr. Miranda Reis commissionou o Dr. Ramos Ferreira para elaborar as bases do projecto de uma reforma que foi levada a effeito, sendo, então, dado á instrucção publica o Regulamento n.º 24. de 16 de Março de 1872. Esse Regulamento, que fez sérias modificações nas leis anteriores, sobre o ensino, introduziu varias medidas de alto alcance pratico. No plano soffreu radical raparo, o curso secundario, ministrado no Lyceu e sempre visado em todas as reformas. Estabeleceu-se a seriação do curso, feito em cinco annos. Entre as disciplinas da quinta série foi incluida a de Pedagogia com o fim

de ministrar os conhecimentos dessa materia aos candidatos que concluissem o curso, e se destinassem ao magisterio primario.

O plano apresentado pelo Dr. Ramos Ferreira não foi adoptado, integralmente, pelo General Miranda Reis que vetou algumas medidas lembradas, incluindo entre estas, a da creação de uma escola normal. Justificando a sua maneira de pensar dizia o General que não creava a escola normal: — «porque a instituição demandava um edificio e pessoal especiaes e exigia despesas que a Provincia não comportava; porque ficava plenamente supprida com as aulas do Lyceu, onde já havia a cadeira de Pedagogia, que reunia o ensino theorico e pratico, e era no seu entender a unica differença existente entre as Escolas Normaes e o Lyceu.» Pensava ainda esse presidente que o Lyceu tinha maior numero de materias do ensino que era necessario á Escola Normal, portanto, a inclusão da referida cadeira satisfazia perfeitamente, as necessidades do curso normal.

O véto do General Miranda Reis foi mais um golpe profundo, dado nas aspirações daquelles que desejavam a formação intellectual do professorado primario.

O Dr. Domingos Monteiro Peixoto, na presidencia da Provincia, em 1873, dá novo regulamento á instrucção publica. Dizia esse administrador que não era lisongeiro o estado da instrucção publica, por falta de uma bôa lei e de pessoal idoneo e dahi a necessidade de uma refórma, adduzindo ás suas exposições de motivos, fórtes ataques ao regulamento que acabava de revogar. As suas palavras foram alcunhadas, por alguem da epoca, de *oração funebre.*

O Regulamento Miranda Reis tinha apenas um anno de existencia, e em tão curto espaço de tempo não era possivel colher qualquer resultado proveitoso ao ensino, portanto, os ataques feitos ao trabalho de Ramos Ferreira não tinham justificativa, quanto mais que, até então, esse Regulamento tinha sido na opinião geral, o melhor que se havia dado á Provincia.

A refórma feita pelo Dr. Domingos Monteiro presidiu mais um capricho politico, que o interesse do ensino. Soffreu uma critica muito sevéra devido ás falhas bem accentuadas que escaparam.

Mas, apezar da grande campanha desenvolvida contra, elle teve uma longa duração. Somente oito annos após a sua vigencia, soffreu radical refórma. A instrucção publica não deixou, entretanto, de ter nesse espaço, que mêdeou entre 1873 a 1881, algumas leis que modificaram certas disposições regulamentares.

Os annos, porem, passaram e ninguem mais fallou na fundação de escola normal.

Parecia, pois, a idéa abandonada; quando em 1880, o Governo Imperial entregou os destinos da Provincia ao Dr. Satyro de Oliveira Dias; que em seu relatorio de 1.º de Outubro, tratando do ensino salientou varias causas, que eram no seu módo de pensar o entorpecimento da instrucção, concluindo as suas apreciações com o pedido de autorisação para refórmar esse departamento do serviço publico.

A Assembléa, pela Lei n.º 506, de 4 de Novembro de 1880, autorisou a reforma solicitada, mas o Dr. Satyro de Oliveira Dias não teve a satisfação de realizar o trabalho que tinha em vista, porque fôra, pouco tempo depois, substituido na presidencia pelo Dr. Alarico José Furtado.

Esse novo presidente a 14 de Dezembro de 1881 baixava o Regulamento que tomou o n.º 42, dando uma nova orientação ao ensino publico.

O Regulamento expedido creou a Escola Normal; instituiu o Conselho de Instrucção Publica; o curso do Lyceu passou a ser de seis annos, obtendo o estudante que o concluisse o titulo de bacharel em sciencias e letras, e creou o internato.

O Dr. Alarico José Furtado, contrariando a corrente politica opposionista, que o atacava, installou solemnemente no dia 6 de Março de 1882, ás oito horas a Escola Normal no predio, situado á Praça «Pedro II», esquina da rua «Governador Victorio», de propriedade do Commendador Francisco de Sousa Mesquita, sob o aluguer mensal de cem mil reis. Nesse predio funccionava anteriormente a Secretaria da Policia, que foi transferida para um predio á rua «Luiz Antony.»

Para dirigir a Escola Normal foi nomeado por acto de 21 de Janeiro de 1882, o Dr. Epiphanio José Pedrosa, medico conceituado nesta cidade, o qual já vinha ha muito exercendo o cargo de Director Geral da Instrucção Publica, cujas funcções deixou nessa occasião.

A creação da Escola Normal e mais medidas postas em pratica pelo Regulamento Alarico Furtado sofferam parte dos inimigos politicos do ex-presidente graves censuras, os quaes exploravam o caso com o facto de trazer a refórma augmento de despesas. O jornal *Amazonas*, que circulava naquella epoca, dizia noticiando a installação da Escola: « Houve discursos e muita concorrencia ao acto, apezar de pouca sympathia á refórma da Instrucção Publica, promulgada pelo pelo Ex.mo Sr. Dr. Alarico José Furtado, ex-presidente da Provincia ».

Quando o Dr. Alarico Furtado installou a Escola Normal já tinha sido exonerado do cargo de presidente, tanto assim que no dia seguinte a esse acto, passou o exercicio da presidencia ao seu subtituto legal, o vice-presidente Dr. Romualdo de Sousa Paes de Andrade.

O curso nomal era de tres annos e compreendia as disciplinas de lingua nacional; pedagogia e methodologia; legislação do ensino; mathematicas elementares; desenho linear; lingua francesa; historia e geographia universal, especialmente do Brasil; instrucção moral e religiosa; elementos de sciencias physicas e naturaes; noções de economia e de hygiene; prendas domesticas para as alumnas; musica theorica e pratica e gymnastica.

Foram nomeados para as regencias interinas das cadeiras os professores: Henrique Barbosa de Amorim, para grammatica nacional e pedagogia; Dr. Pedro Ayres Marinho, para mathematicas elementares; Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, para francês; D. Candida Maria Pedrosa para prendas domesticas; para geographia e historia, Dr. João Hosannah de Oliveira; instrucção moral e religiosa, Padre Raymundo Amancio de Miranda; sciencias physicas e naturaes, o Dr. Joaquim Leovigildo de Sousa Coêlho. Tres dias após ás nomeações foi declarada sem effeito a portaria que nomeou o Padre Raymundo Amancio de Miranda para a cadeira de instrucção moral e religiosa, sendo designado o professor de latim do Lyceu, Padre João Rodrigues de Assumpção para reger interinamente a referida cadeira. As cadeiras foram pouco a pouco sendo postas em concurso e nomeados seus professores effectivos.

No concurso para preenchimento das cadeiras de geographia, historia, latim e sciencias physicas e naturaes inscreveram-se os candidatos Dr. Domingos Theophilo de Carvalho Leal, José Augusto Rodrigues de Andrade, Antonio Roberto Alves, respectivamente.

O primeiro concurso para a cadeira de sciencias physicas e naturaes foi annulado.

Para preenchimento effectivo da cadeira de prendas domesticas inscreveram-se as senhoras donas Maria Lina de Amorim Antony, Emilia Pedrosa de Oliveira e Virgilina Couto, que foram approvadas, sendo nomeada para o cargo, a primeira concorrente.

O cargo de secretario da Escola Normal foi exercido pelo Dr. Theodoro Thadeu d'Assumpção, lente de latim do Lyceu, designado para desempenhar essa funcção. Para amanuense foi nomeado José Arthur Pinto Ribeiro, o unico subrevivente do pessoal administrativo, nomeado por occasião da fundação da Escola. O continuo da Secretaria do Governo Raymundo Pantoja de Oliveira foi designado para exercer as funcções de porteiro, em cujo cargo permaneceu até 15 de Abril de 1882, quando assumiu effectivamente as funcções desse cargo, Carlos Ferreira dos Santos, e para o cargo de correio, o governo nomeou a Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro.

As despesas orçadas para a instrucção publica, durante o exercicio financeiro de 1881-1882, foram de 96:780$000, tendo sido despendidas, entretanto, a importancia de 265:090$000. Essa despesa provocou um periodo destacado do relatorio do Dr. Romualdo de Sousa Paes de Andrade, por occasião de passar o exercicio da presidencia ao presidente nomeado, Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá.

O Dr. Joaquim Leovigildo de Sousa Coêlho, foi exonerado, a pedido do cargo de professor interino de sciencias physicas e naturaes, sendo nomeado para sustitui-lo o pharmaceutico professor Francisco Antonio Monteiro, que mais tarde fez concurso para preenchimento effectivo da cadeira, sendo nomeado.

Nos termos do regulamento n.º 42, em vigôr fizeram exame vago das materias do primeiro anno da Escola Normal e sahiram approvados: — Marcio Filaphiano Nery, com distincção; Simplicio de Lemos Braule Pinto, plenamente; Raymundo Agostinho Nery e Julio Flores Torres, simplesmente. Foram esses estudantes os primeiros alumnos que

se submetteram a exames na Escola Normal, cujo acto se realisou a 13 de Abril de 1882.

E' esta a primeira phase da Escola Normal, cuja fundação e organização se deve ao Dr. Alarico José Furtado, cidadão que possuia a verdadeira visão administrativa.

No governo do Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, foi o Regulamento n.º 42 alterado. A Lei n.º 579 de 24 de Maio de 1882 autorizou mais uma vez a reforma na instrucção publica.

Continúa.

PELOS BONS LIVROS

Tocandira Balbi Carreira.

E' conhecido o antigo proverbio que diz: «mostra-me o livro que lês que direi quem tu és», cujo conceito é geralmente acceitavel pela sua finalidade moralisadora.

Sendo a leitura romanesca, um dos melhores attrativos para a nossa imaginação, todavia não a inculquemos de prejudicial á moral de nossos filhos.

Ha romances instructivos que devem merecer a acceitação e o acatamento dos mestres escolas que podem tel-os á mão para nas horas de recreio ou determinadas de leitura, fazer a apologia do autor e descobrir o fundo moralista do romance, o qual mór das vezes passa despercebido pela impressão attrahente que deixam as acções empolgantes dos protagonistas e dos heroes das aventuras.

Não se deve considerar como offensivo á moral, o amor dos personagens e seus desvarios conducentes á vinganças quando estas têm razão de ser pela honra ultrajada da familia ou da patria; pois, não existe romance por mais moralista que seja que não tenha o amor como interprete dos sentimentos nobres.

O livro ou a obra romantica devem ser antecipadamente escolhidas e examinadas pelo professor para que, depois da leitura, apresente aos alumnos os factos pela forma adaptavel á vida real. Devem ter preferencia os romances de genero biographico ou historico. Não obstante, certos excertos extraordinarios ou incidentes phantasmagoricos intercalados para melhor impressionar o leitor, no entretanto, sao os mais acceitaveis pela sua feição realista.

A introdução de taes livros nas escolas com especial mensão dos que tratam de assumptos historicos, tem por fim, não somente desenvolver os conhecimentos do alumno como educar-lhe a memoria e o raciocinio. Para este mister, o professor depois de ter escolhido o romance por estudo meticulado de observação, procederá a leitura por capitulos, expondo-os á apreciação dos discipulos que omittirão as suas opiniões sobre o assumpto lido, sendo-lhes desvendado por fim, o fundo moralista, philosophico, scientifico ou historico do romance ou da obra.

A razão de ser deste processo didactico, tem por alcance estimular e converter o menino á pratica da leitura por selecção de bons livros, e limitar quanto mais possivel a inclinação ou a tendencia pelos romances ou contos extravagantes que possam perverter o caracter do adolescente.

Para desenvolver-lhe a dialectica e facilitar a expressão falada, avivando-lhe o espirito das ideas, depois que o professor tenha terminado a leitura em voz alta, o alumno discorrerá oralmente sobre o assumpto. Este methodo, é considerado um dos mais efficientes que se tem adoptado nas escolas pela sua multiplicidade pratica, pois de sua applicação resultam a educação da memoria, o desenvolvimento do raciocinio, a coordenação das ideas, ao mesmo tempo que facilita a linguagem do escolar e abrem-lhe novos horizontes de conhecimentos theoricos e praticos, desde que lhe advirão do methodo applicado, sem presentir, o emprego de termos proprios e correspondentes á concpção do assumpto, quer se trate da palavra falada ou da palavra escripta.

Outra particularidade aproveitavel decorre do methodo exposto: é o que tem por resultado a comprehensão nitida do que tenha sido explicado ao collegial.

E' bem verdade que as horas de aula, estão determinadas pelo regulamento, e por este motivo não comportarem explicações prolongadas. Todavia, é de ponderar ao educador, que o thema ou o ponto da materia a estudar, sejam explanados antecipadamente, seguidos dos necessarios argumentos, a medida que o alumno tome as suas annotações.

E' claro que, este modo de ensinar não pode ser ministrado aos que cursam aulas primarias, senão aos que pertencem ao curso

secundario ou superior, porém é de convir pela sua applicabilidade pratica, logo que seja necessaria e opportuna.

A adopção dos bons livros de leitura nas escolas, além dos resultados acima previstos, tem por escôpo essencial consubstanciar a educação civica.

Palestra proferida pela aluna-mestra Cleonice Oliveira, no Circulo de Paes e Professores, do grupo "José Paranaguá"

Ex.mo Snr. Presidente do Circulo de Paes e Professores do grupo escolar *José Paranaguá.*

Minhas queridas professoras, meus senhores e minhas senhoras.

Estagiaria que sou neste grupo escolar vim aprender com as ilustradas professoras a pratica do ensino; a maneira pela qual tenho de exercer o Magisterio em todas as suas modalidades, quando algum dia for nomeada para reger no meu Estado a escola que me for destinada.

Começo desde já pesquizando os espinhos que existem na vasta estrada do ensino publico e reconhecer qual o peso da responsabilidade que tem sobre os seus ombros a pessoa encarregada de preparar futuros homens para as diversas clases sociaes do paiz.

Verifico tambem que a professora nem sempre recebe na sua escola o aluno somente para receber a instrucção. Ao contrario, muitas vezes são matriculados alguns meninos verdadeiramente alheios a educação domestica e com estes tem a professora o trabalho insano de domestica-los, e mais ainda, ter a previdencia de evitar o contagio pernicioso dos mesmos com os demais, tomando o conselho dos antigos que tanto previne: « Uma ovelha ruim, põe o rebanho a perder.»

Antes, porém, de falar sobre o tema — a *Educação*, devo declarar que a minha palestra resente-se de faltas as quaes serão supridas pela generosidade dos ouvintes, pois se me afigura no presente momento o passaro que ainda não possue as suas azas devidamente revestidas para dar o seu primeiro vôo e assim como quem ainda aprende, necessito do amparo das Mestras para me apoiarem convenientemente, afim de vencer a presente tarefa que me foi confiada.

A educação intelectual na escola primaria foi objeto dum curso paralelo ao que concerne á educação moral e construido mais ou menos, sobre o mesmo plano. Durkleim, não se sentia satisfeito com ele, porem; desejava corrigi-lo.

E' que o idéal intelectual de nosas democracias é menos definido que seu idéal moral, o que se compreende por ser o estudo cientifico menos trabalhado, e a materia mais nova.

Para assinalar um fim preciso, á educação intelectual, Durkleim estuda as origens do estudo primario, e verifica como esse ensino, consciencia de sua natureza e do seu fim proprio.

De modo que, entende-se por educação, o desenvolvimento integral de todas as faculdades do corpo e do espirito, tornando as pessoas aptas para a luta pela existencia.

Existe na linguagem vulgar uma distinção entre os vocabulos Educação e Instrução.

Por educação, compreende-se a cultura de todas as faculdades moraes e fisicas.

A instrução vem a ser o desenvolvimento das faculdades intelectuaes, esclarecendo o espirito e enriquecendo-o em conhecimentos cientificos e literarios.

A instrução dá a ciencia e a educação ensina a delicadeza, forma os costumes e o carater. A instrução desenvolve a inteligencia; a educação cultiva o sentimento, dirige a vontade e forma o coração. Em uma palavra, a instrução esclarece; a educação aperfeiçoa e enobrece. Toda instrução deve ser educativa, e toda educação por sua vez reclama uma certa soma de conhecimentos. A instrução finalmente, não é mais do que uma parte da educação intelectual.

A instrução e a educação compõem o assunto da Pedagogia, que vem a ser a ciencia ou a arte que tem por fim dar ao corpo e a alma toda a beleza e perfeição de que são susceptiveis, conforme a opinião dada por Platão, fundador da Pedagogia antiga.

Considera-se portanto sendo a escola a principal de todas as instituições sociaes, entretanto torna-se preciso existir o intercambio de relações muito aproximadas entre o professor e os paes dos alunos; afim de melhor se entenderem com referencia ao ensino dos mesmos, isto mesmo porque o lar, coopera de um modo indispensavel na educação da creança.

E' na familia onde se deve preparar o coração das creanças, dando-lhes conselhos, bons exemplos, ampliando-lhes as boas tendencias e evitando as companhias más, não permitindo que a sua vontade e os seus caprichos sejam vitoriosos. Na maioria dos casos os paes ignoram a sua colaboração na educação de seus filhos. E' necessario que desde creança se habitue a votar o devido respeito ao professor. E' de grande influencia o papel da familia na educação. A creança desde o seu nascimento, deve ser conservada e educada num ambiente isento de vicios. A mãe de familia deve ser a primeira a dar bôa educação a seus filhos.

Segundo o grande pedagogo Perez — os joelhos da mãe de familia são os primeiros bancos escolares.

Renan afirma que na instrução está a nossa religião; nós acrescentamos que na instrução está, outrosim, a nossa moral. Assim na Grecia, depois que as forças do espirito se concentraram no problema da consciencia moral, para impedir as dissoluções da vida politica, e depois que as especulações filosoficas e as primeiras conquistas do saber positivo apagaram a fé nas representações que tinham constituido o fundo primitivo da arte, esta veio a declinar. Só para os espiritos vulgares, diz Mill, um objeto grande e belo perde o seu encanto e a sua beleza, quando perde alguma cousa do seu misterio, quando se revela uma parte do processo secreto com que a natureza o produziu.

O Estado deve abrir como se faz na America, segundo os ensinamentos do professor André Anguiuli, dando meios mais largos e menos mesquinhos na fonte de grande atividade no campo da instrução publica.

Na America, ser ou ter sido mestre-escola é um titulo honroso; entre nós não é bem encarada a carreira de fadiga e de dificuldades, como é a do professorado, sem vantagens sem esplendores, e cada dia sente a diminuição dos seus vencimentos na proporção do aumento dos seus deveres.

O mestre-escola devia e deve merecer do poder publico melhores vantagens para compensar as situações dificultosas, oriundas do ensino, que envelhece e cança dia a dia no sacrificio de levar a termo a extinção do analfabetismo, tirando das trevas da ignorancia os moços brasileiros de amanhã na defeza do seu territorio, compreendendo o civismo, e o patriotismo que devem possuir a pujante um Brasil grande e que os seus filhos devem devotadamente procurar faze-lo ainda maior.

Disse.

A REVISTA
E OS
Circulos de Paes e Professores

SETEMBRO:

Dia 6 — Reuniu-se o «Circulo de Paes e Professores» do grupo escolar *Conego Azevedo*. Fez a palestra mensal o dr. Joaquim Augusto Tanajura que dissertou proficientemente sobre os deveres dos alumnos para com os professores e sobre a hygiene escolar e o cuidado que os paes devem ter ante seus filhos, não faltando á verdade nos menores actos ou palavras. A seguir o professor Agnello Bittencourt, tomando a palavra, disse estar de pleno accordo com os conceitos expedidos pelo dr. Tanajura.

Fôram encerrados os trabalhos com uma parte recreativa.

Dia 7 — Commemorando a data magna da Independencia, reuniu o «Circulo de Paes e Professores» do grupo escolar *Barão do Rio Branco*. Fez a palestra mensal a professora D. Clotilde Araujo Pereira que brilhantemente desenvolveu, como thema, os *Deveres dos paes; cuidado devido á criança desde o berço aos bancos escolares.*

Seguiram-se-lhe magnificos numeros de gymnastica rithmada e diversos recitativos.

Dia 23 — Em sessão nocturna reuniu o «Circulo de Paes e Professores» do grupo escolar *Marechal Hermes*. O dr. Merolino Corrêa foi o conferencista, tratando da *Instrucção Publica no Estado de Minas Geraes.* Após a parte recreativa fôram inaugurados os retratos do Marechal Hermes da Fonseca, patrono do grupo e do professor Agnello Bittencourt, Director Geral da Instrucção. O dr. Araujo Lima, em rapidas palavras, traçou a biographia do Marechal Hermes; o professor Agnello, commovido, agradeceu a homenagem que a direcção do Circulo lhe conferira.

Dia 24 — Effectuou a sua sessão mensal o «Circulo» do *Saldanha Marinho*. Com

ESPARSAS

No dia 10 outubro assumiu o alto cargo de Interventor Federal neste Estado, o sr. Capitão Nelson Mello. A solemnidade teve logar no Palacio Rio Negro, ás 10 horas, após a leitura da Exposição pelo dr. Waldemar Pedrosa, que vinha occupando a interventoria interinamente.

Naquella mesma data assumiu o exercicio do cargo de Secretario Geral do Estado, o sr. 1.º Tenente Paulo Cordeiro de Mello.

Em 21 do mês proximo findo, pelo sr. Secretario do Estado, foi empossado no cargo de Director Geral da Instrucção Publica, em commissão, o Dr. André Vidal de Araujo, Juiz de Direito de Manacapurú, em substituição ao prof. Agnello Bittencourt que foi exonerado, a pedido, do referido cargo.

O Dr. André Vidal de Araujo, Juiz de Direito da Comarca de Manacapurú, esforçado Director do «Instituto Araujo Filho» daquella cidade e actualmente Director Geral da Instrucção Publica, em commissão, visitou a séde da S. A. P., deixando no livro proprio o seguinte termo:

«Visitei, hoje, a Sociedade Amazonense de Professores, — o centro fecundo de irradiação das idéas modernas sobre a educação. neste Amazonas magnifico.

«Senti o trabalho que se vae fazendo no silencio da modestia dos dirigentes desta prospera associação de benemeritos, de vanguardeiros do Brasil Novo.

«A Julio Uchôa, — o homem que fez resurgir este centro de actividades pelo Bem commum, — o meu grande abraço de cordialidade.

«Manáos, 4 de outubro de 1933.

André Vidal.»

Recebemos o numero 2 do *Cidade de Manacapurú*, mensario independente qne se publica naquella cidade sob a direcção do espirito moço de Henoch Reis. Seu lemma de combate está admiravelmente syntetisado na palavra «Instrucção». Almejamos que, de triumpho em triumpho, o novel collega colime seu sublime objectivo.

No dia da commemoração do descobrimento da America, festejou-se, tambem o *Dia da Creança*, com as visitas de cordialidade entre os alumnos de varios grupos escolares, sob a direcção das respectivas directoras e professoras. E' justo destacar a visita dos alumnos do curso gymnasial do collegio «Dom Bosco» aos alumnos do Gymnasio Amazonense «Pedro II» e por estes retribuida ás 15 horas.

Para juizes dos trabalhos que concorreram ao premio de nosso derradeiro concurso literario, fôram convidados os srs. professores Placido Serrano, Agnello Bittencourt e Antonio Monteiro de Sousa que, por voto de maioria, accordaram ser o melhor trabalho o «Mutirum», da autoria do sr. Bianor Frazão Braga (Ronaib). O premio lhe devia ter sido entregue na *Hora Social do Magisterio*, em 19 do corrente; o autor do «Mutirum», todavia, reside em Belém. Assim sendo, o premio foi recolhido á Thesouraria, ficando a sua disposição.

---

larga visão de historiador o dr. Arthur Cesar Ferreira Reis, em notavel palestra, abordou a questão do Acre e olsincontestaveis direitos do Amazonas. Numeros de recreação encerraram os trabalhos, que estiveram sob a presidencia do sr. Antonio de Vasconcellos.

OUTUBRO:

Dia 1 — Teve sua reunião o «Circulo» do grupo escolar *Conego Azevedo*. O dr. Araujo Lima, pedagogo e scientista, fallou sobre a *Hygiene e Moral*, citando factos e estatisticas que tornaram a dissertação de notavel alcance pratico.

A directora do Grupo, professora Ernestina Bezerra de Castro, em carinhosas palavras, encerrando o anno social do Circulo, agradeceu a collaboração de todos os que não negaram esforços para o seu engrandecimento moral. Em seguida o Desembargador Arthur Virgilio, na qualidade de Presidente do Circulo, agradeceu ao dr. Araujo Lima a magnifica conferencia que produziu, estendendo, tambem, seus agradecimentos aos que auxiliaram a bella instituição que tantos beneficios vem praticando.

Livraria ACADEMICA

J. F. Cocello & C.ª L.tda

AGENCIA das principais revistas nacionaes e estrangeiras.

PAPELARIA

Especialidades em cartões postais, figurinos para senhoras, artigos de pintura, livros religiosos e artigos para escritorio.

C. Postal, 84-End. Telegr. ACADEMICA

R. Henrique Martins, 25

MANÁOS

Quando V. S.

tiver necessidade de qualquer artigo do ramo de pharmacia e drogaria dirija-se á

DROGARIA UNIVERSAL

onde encontrará STOCK completo e sempre renovado de especialidades pharmaceuticas, productos chimicos, assim como material de laboratorio, apparelhos cirurgicos e artigos afins, importados directamente dos principaes mercados do mundo, tudo de superior qualidade e a preços reduzidos.

Preparam-se ambulancias para qualquer parte do Estado, acceitando-se em consignação todos os generos de producção regional, especialmente couros, pelles, castanha, copahyba, borracha, etc.

Drogaria UNIVERSAL

DE

PAULO LÉVY & Ca.

Caixa Postal, 235 — End. Telegr.: UNIVERS

R. Marechal Deodoro, 33 e 35 - Manáos

PERFUMES

dos melhores fabricantes, taes sejam:—
Coty, Houbigant, Mirurgia, Cheramy e muitos outros para todos os gostos, assim como

EXTRACTOS A' RETALHO

de diversas qualidades, desde 200 rs. a gramma

Rouges, Carmins, Grayons, Cremes, Baton, Esmaltes, Pós de arroz, Leques, Bolsas e todos os demais artigos para adorno e a belleza da mulher; objectos para presentes, Estojos para unha Enfeites para toilettes, Bijouteria e Prataria, etc.-Todos os artigos emfim que se relacionam com o ramo de perfumistas, encontram-se a **A PREÇOS SEM COMPETENCIA na**

Perfumaria UNIVERSAL

Avenida Eduardo Ribeiro, 38-MANAOS

Loteria Federal do Brasil

NATAL NATAL

Extracção do colossal plano Q

5.000 Contos em premios

Sendo o maior de

2.000:000$000

Systema das extracções — Bolas numeradas por inteiro

Distribue 70 o/o em premios

HABILITEM-SE ▼ HABILITEM-SE

Alguns RECORDS DA V A R T A

O grande dirigivel ***GRAF ZEPPELIN*** nos vôos transatlanticos, ao redor do mundo e em viagem para o Brasil. — Os navios-record BREMEN e EUROPA, detentores de maior velocidade. — O gigante do ar DO-X voando com 169 pessoas. — Os grandes recordmen automobilistas. — Os mais competentes radiotilos

USAM somente ACUMULADORES **VARTA**

Depositarios exclusivos no Amazonas :— J. SOARES & Cia.

A firma que, aos MELHORES PREÇOS, mais variado e escolhido stock apresenta, de ferragens em geral e artigos concernentes ao seu ramo.

Especialidade em material para RADIO

Vendedores dos reputados CANDIEIROS á kerozene INCANDESCENTES

Rua dos Barés, 7 a 11 — Rua R. dos Santos, 13 a 23

CAIXA POSTAL. 437 ● End. tel. BENTES

ARMAZENS DE FERRAGENS DO MERCADO

LIVRARIA ESCOLAR

DE

Gavinho & Gonçalves

Especialidade em livros didacticos. — Figurinos e Methodos de Musica. — Artigos para Pintura em geral e confecção de flôres. — Recebe sempre as ultimas novidades e vende todos os livros a preço de Catalogo.

Rua Henrique Martins, 27-B

CAIXA POSTAL, 102

AMAZONAS **Manáos** BRASIL

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura